



## EQUILÍBRIO ENTRE ESCOLHAS E CONSEQUÊNCIAS

Os empreendedores tem encarado o desafio de aumentar a produtividade utilizando menos água, terra e insumos no intuito de permitir o ingresso de milhões de pessoas à faixa de consumo. Desde o pós-guerra, a produção de alimentos aumentou quase 50%, devido a revolução verde. Entretanto, os recursos naturais mobilizados em excesso e a hipotética exploração intragável deles pode resultar na exaustão da biodiversidade e dos ecossistemas essenciais.

Curiosamente, nesse século 21 prevalece a coexistência da desnutrição e da obesidade, fenômeno capaz de sustentar a convicção de um mundo contemporâneo que come mal. De fato, os famintos comem de menos, obesos comem demais e o que sobra é desperdiçado. Lástima ou sarcasmo, a conclusão é que ninguém come bem.

No dia 15 de novembro, o planeta somou cerca de 8 bilhões de habitantes e mantém a estimativa que alcançará em 2050 o patamar de 9,7 bilhões, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Estima-se, inclusive, que na metade deste século, a humanidade demandará mais de 200 milhões de toneladas de carne de aves, aproximadamente 140 milhões de toneladas de carne suína, e algo em torno de 100 milhões de toneladas de carne bovina. Apetite cobiçoso por proteína animal dependente do incremento do PIB, principalmente na China, Índia e Estados Unidos. A elevação de renda per capita acaba influenciando o aumento do consumo de alimentos e energia que aumentam a emissão de carbono na atmosfera, requerem e poluem muito mais água.

O relatório “Global Risks 2022 - 17th Edition”, pesquisa aplicada junto aos quase mil peritos e tomadores de decisões, com partes interessadas no Fórum Econômico Mundial, revela que as “falhas no enfrentamento das mudanças climáticas” ocupam o pódio de preocupação nas perspectivas de curto, médio e longo prazo, além de outros riscos relacionados ao clima e ao meio ambiente, classificados como de maior potencial causador de danos às pessoas e ao planeta.

Já o mais recente “Panorama da América Latina” da OCDE analisa a forma como as mudan-

ças nos padrões de clima põem em risco a segurança alimentar e a produção agrícola global. A região mencionada no título do estudo, por exemplo, abriga 13, dentre os 50 países mais ameaçados pelas alterações, à exemplo do Brasil, detentor de boa parte da biodiversidade global e considerado bastante vulnerável às referidas alterações, já que depende sobremaneira da produtividade das lavouras para sustentar seu desenvolvimento econômico e social.

Aliás, a fome escalou recordes e continua aumentando em todas as geografias, de acordo com o Secretário Geral da ONU, ou seja, atualmente são cerca de 828 milhões de pessoas abatidas e outras 3,1 bilhões que padecem sob efeito da má-alimentação, conforme o relatório State of Food Security and Nutrition in the World/SOFI 2022.

O desafio é encontrar o equilíbrio entre a segurança alimentar e o cuidado com o meio ambiente, já que as práticas agropecuárias influenciam a sustentabilidade do planeta, assim como as necessárias medidas para mitigação das emissões comprometem os sistemas alimentares que abastecem os mais pobres.

Trocando em miúdos, um desenvolvimento econômico que não seja verde não é sustentável, assim como uma transição que não seja justa também não é. Ignorar a correlação entre os sistemas alimentares e as desigualdades socioeconômicas e a pobreza persistente é hipocrisia, assim como o proselitismo radical que aponta solução única para a sustentabilidade dos sistemas alimentares por imposição de modelos alheios às realidades locais.

Os sistemas em integração (Lavoura Pecuária Floresta/LPF, dentre outras), o plantio direto, a fixação biológica do nitrogênio, as florestas plantadas, a recuperação de pastagens degradadas e o tratamento dos dejetos animais adotados no Brasil, fazem parte do invejável Plano Setorial para Adaptação à Mudança do Clima e Baixa Emissão de Carbono na Agropecuária com vistas ao Desenvolvimento Sustentável (ABC+), e constituem o conjunto de escolhas mais calibrado contra as inevitáveis consequências. ■



### Ariovaldo Zani

é médico veterinário  
Professor MBA/PECEGE/  
ESALQ/USP  
e Presidente da Câmara  
de Sustentabilidade e  
Bem-Estar Animal/ABPA